

ENTREVISTA CARLOS SILVA “TEMOS DE GANHAR CONSCIÊNCIA CÍVICA”

O secretário-geral da União Geral de Trabalhadores (UGT) partilha com o jornal *Tempo Livre* as memórias do adolescente que viveu o 25 de Abril, sentindo “festa no ar”. Não sabia muito bem o que se estava a passar, mas intuía “um tempo novo”. Seis dias depois, quando ouviu Mário Soares e Álvaro Cunhal, no 1.º de Maio, admirou-se por “falarem tão bem sem olhar para o papel”. Despertou ali a vontade de, um dia, vir a falar também assim, sem precisar de folhas à frente. E abriu-se um novo capítulo na sua história. E na História do país

Tinha 12 anos quando ouviu que “o povo é quem mais ordena”, no dia 25 de Abril de 1974. Que memórias tem desse período? Tinha mudado há dois meses para Sacavém. Nasci em Alfama, e andava no Liceu Pedro Nunes.

No dia da revolução saí de casa dos meus pais e apanhei a camioneta normalmente para Lisboa. Quando cheguei à escola não havia alunos. Fui ter com o meu professor de físico-químicas, o célebre Rómulo de Carvalho [António Gedeão], e a sua adjunta, a professora Alcina do Aído. Perguntaram-me: “Os seus pais não ouviram na rádio? Há aí uma revolução?” E mandaram os meninos para casa. Telefonaram ao meu pai que tinha vindo para o cinema Tivoli, onde trabalhava. Fui ter com ele à estação de correios, no largo do Rato, para irmos para casa. Depois acompanhámos pela televisão, começámos a apanhar os comunicados da Junta de Salvação Nacional. Era um miúdo. Havia tropa na rua, os tanques do Salgueira Maia na avenida de Berlim, frente aos bombeiros da Encarnação. Havia aquela movimentação toda, jovens e menos jovens na autoestrada do Norte – eram ali as portagens, anos mais tarde passaram para Alverca – na revista às viaturas para saber-se quem eram os infiltrados, aqueles que eram de extrema-direita, os reacionários... Tudo isto foi um tempo novo. Acima de tudo, o que mais me impressionou foi a alegria do meu pai quando percebeu que, um dia mais tarde, eu não tinha de ir para África, para

o Ultramar vestir a farda. O irmão dele foi o primeiro soldado caído em Angola, uns meses antes de eu nascer, em 1961. E o seu nome está no Monumento aos Combatentes do Ultramar [em Belém]. António da Cruz Silva é o primeiro nome gravado na pedra. E no liceu, como foi vivido esse tempo novo? Eu andava no primeiro ano, naquela altura Curso Geral dos Liceus, o que é hoje o sétimo ano. Os mais velhos entravam nas Reuniões Gerais de Alunos (RGA). Logo um mês ou dois depois do 25 de Abril passou o filme *O Couraçado de Potemkin*, numa das salas do Liceu Pedro Nunes. Percebi que havia qualquer coisa nova, pelo grande envolvimento dos cidadãos, de uma forma geral, dos mais jovens no liceu e dos mais velhos na rua. Todos os dias havia notícias, muitos militares, a Junta de Salvação Nacional, os governos, a saída dos governos... Fui acompanhando com naturalidade. E na escola falávamos dessas questões. Recordar-se de algum episódio em particular?

Quando o Comando Operacional do Continente (Copcon), com seis chaimites, se posicionou à porta do Pedro Nunes, mandado pelo Otelio Saraiva de Carvalho, para invadir o liceu... A minha professora Judite Redinha disse aos alunos na sala: “Meninos, temos a tropa à porta! Quem quiser ir embora, vai; quem não quiser ir, fica.” Não ficou ninguém. Eu saltei pela janela. Atravessei o Cemitério dos Ingleses e fui para a

rua Saraiva de Carvalho, para casa de uns primos. Tudo o resto tinha muito a ver com as intervenções dos alunos nas RGA, e eu ouvia muito que era preciso os alunos organizarem-se, defenderem-se. Estávamos num tempo novo. Havia liberdade, tinham de se construir novas regras, tínhamos de abandonar um conjunto de dogmas que existia na sociedade portuguesa, nomeadamente na escola. Havia a trilogia: Deus, Pátria, Família. Nas escolas havia o crucifixo. Eu até sou católico, mas percebi que havia grandes alterações que estavam para vir... A suspensão da guerra em África, o regresso dos retornados, assisti a situações com muita preocupação. Tinha família em Angola, o meu tio faleceu lá. Havia todas estas divisões que não se falava dantes. Mesmo quem não discutia política começou a discutir, nomeadamente em minha casa. Entrávamos todos na discussão. Foram momentos extraordinários! Seis dias depois foi ao antigo Estádio da FNAT no 1.º de Maio celebrado já em liberdade?

Fiquei por cima da tribuna onde estava o Mário Soares e Álvaro Cunhal. Fui com os meus amigos do Pedro Nunes e os de Sacavém. Havia a cintura industrial em Sacavém: a Fábrica de Loiça, a siderurgia, as grandes fábricas. Havia aquele operariado, onde o Partido Comunista tinha grande influência; já antes do 25 de Abril se mobilizava. Mesmo no associativismo, o Sport Grupo Sacavenense, onde eu participava, e

o Clube Recreativo de Sacavém eram ninhos de discussão política. As pessoas começavam a mudar o discurso, porque havia condições para discutir a democracia, a liberdade, o poder, os primeiros-ministros que se sucediam uns aos outros... Fui acompanhando as coisas como qualquer jovem da minha idade. Que emoções viveu o adolescente Carlos Silva nesse 1.º de Maio?

Ena pá, nunca tinha visto tanta gente junta! A única vez que vi uma multidão foi na inauguração da ponte sobre o Tejo, hoje 25 de Abril, teria talvez cinco ou seis anos, e os meus pais e avós levaram-me ao Terreiro do Paço. Quando morei em Alfama, as nossas multidões eram no Santo António. Vendíamos cravos aos estrangeiros e pedíamos umas moedas. [risos] No Estádio 1.º de Maio só via gente por todo o lado. Mandaram os miúdos mais leves para a pala. E lá fui eu e os meus amigos. Aquilo foi uma coisa empolgante, com militares, marinheiros, tudo gritava: “Viva Portugal!”, “Viva o MFA!”, “Liberdade, Liberdade, Liberdade!” A palavra “Liberdade” ecoava com grande alegria.

Apesar dos 12 anos, o que mais reteve naquele Dia do Trabalhador? Foi um momento de junção do povo. Na altura era uma novidade. Os miúdos no meio daquela gente toda, aqueles discursos inflamados... Eu ouvia e percebia uma coisa que me lançava para a vida: a capacidade de intervenção. Foi uma coisa que me ficou para sempre. A capacidade de eles falarem sem olharem

para o papel. Já diziam os meus amigos e família que eu era um miúdo que falava bem. Dois ou três anos depois, em 1976 ou 1977, ainda era menor, fui eleito para a direção de uma associação que ainda hoje existe na minha rua, em Sacavém, o Grupo Familiar Olival do Covo. Nunca mais me esqueci daquelas intervenções, e depois comeci a participar nas RGA do Liceu Pedro Nunes. Gostava de participar. Houve ali um clique: falar sem olhar para o papel. Eu ouvia em casa: “Fala sem olhar para o papel!”.

O que faziam os seus pais?

O meu pai era legendador de filmes numa empresa chamada Grafilme, por cima do Tivoli, a minha mãe trabalhava na Lusomundo, fazia a revisão de todas as fitas que vinham dos Estados Unidos para serem exibidas em Portugal. No sentido metafórico, o filme que se seguiu ao 25 de Abril era aquele que queria ver?

Percebemos mais tarde que a liberdade e a democracia mudaram radicalmente a face do nosso país. O país evoluiu mais em 40 anos do que eventualmente em 500 ou 600. Sempre nos virámos muito para África, para o Brasil, mas continuávamos a viver para o Fado, Futebol e Fátima. O português tinha muita necessidade de emigração, mas também havia a crença de que o país, com a entrada para Europa, um dia havia de evoluir e atingir os padrões europeus de desenvolvimento. Acho que esse filme, na verdadeira aceção da palavra, chegou

“NO ESTÁDIO 1.º DE MAIO SO VIA GENTE POR TODO O LADO. MANDARAM OS MIÚDOS MAIS LEVES PARA A PALA. E LA FUI EU E OS MEUS AMIGOS”

“FIQUEI POR CIMA DA TRIBUNA ONDE ESTAVA O MÁRIO SOARES E ÁLVARO CUNHAL”

em alguns momentos, mas noutras matérias ficou para trás. O que falta para chegarmos às carruagens da frente? Gostaria, por exemplo, que os trabalhadores portugueses tivessem salários à média europeia. O discurso em Portugal está focado no Salário Mínimo Nacional (SMN)... Eu fico satisfeito por perceber que, muito por influência da UGT, anualizámos – nos últimos anos – e vamos continuar a anualizar aquilo que antigamente era discutido a cinco ou seis anos. Atingir os 600 euros em 2019 é bom? É bom, porque também empurra os restantes salários. Empurra ou haverá cada vez mais pessoas a ganhar o SMN? Empurra os restantes salários, e esse é o grande desafio que temos na negociação coletiva. É também o que falta fazer. Recuámos durante a troika... Já tivemos uma negociação coletiva pujante. O sindicalismo tem vindo a diminuir. Quantas pessoas estão afetas à UGT? Temos cerca de 400 mil. Há cinco anos era meio milhão. Nós já tivemos em Portugal cerca de dois milhões de sindicalizados. Que leitura faz desse decréscimo? A excessiva individualização das relações de trabalho, o contrato individual de trabalho. Os mais jovens a não quererem ficar vinculados a sindicatos. Também se criou uma imagem na sociedade portuguesa: o melhor que tem cada um são os seus méritos, conhecimentos, qualificações e aptidões. Portanto, vamos desenvolvê-los num ambiente individualista. Tudo estimula o individualismo que se sobrepõe ao coletivo.

As gerações mais novas são as que menos se sindicalizam. Só na casa dos 30 anos é que a maior parte dos trabalhadores dá passos no sentido de aderir aos sindicatos. Criou-se uma ideia antissindical. O liberalismo tem esse perigo, dizer que quem for sindicalizado perde regalias.

Há portugueses que dizem que não vale a pena ser sindicalizado, porque pouco muda nas suas vidas. As pessoas continuam a precisar de trabalhar para comer e honrar os compromissos assumidos, secundarizando a defesa dos seus direitos...

É uma forma de pensar evolutiva do momento em que vivemos, no contexto atual a nível mundial. Temos ultraliberalismo e muitos liberais em vários governos da Europa. E, sobretudo, a troika que fustigou muito a vida do nosso país.

Por que razão é importante ser-se sindicalizado?

Se as pessoas estiverem unidas e sindicalizadas, o sindicato que as representa vai reivindicar a aplicação de uma tabela salarial em função da carreira profissional e da categoria que desempenham. Fazemos um esforço para dizer a todos que se forem sindicalizados podem ter um salário muito melhor... É importante que os trabalhadores percebam que, para melhorarmos as condições de trabalho, é bom que deem força aos sindicatos. São eles que denunciam.

É licenciado em Estudos Europeus, com frequência da pós-graduação na mesma área. O que tem de mudar para que os cidadãos não se sintam arredados da democracia nem da justiça social? O caminho é... Os políticos quando se candidatam a cargos de responsabilidade terem a consciência de que as pessoas ao

votarem neles querem que cumpram a palavra. É o que não tem acontecido ao longo de muitos anos, de forma geral. Isso afasta o cidadão da política. Como cultivar a cultura de verdade? Acima de tudo temos de ganhar consciência cívica, de maior participação na vida do país. Temos de perceber que o exercício do direito de voto é algo que nos foi dado pela democracia. Ao longo das últimas décadas as pessoas foram ficando desiludidas. O 25 de Abril mudou realmente Portugal de uma forma extraordinária. Há muitos que pensavam que isto ia ser um amanhã cantado. As coisas não são assim. Temos de trabalhar para isso, no presente.

Então, como exigir mais verdade?

Tem a ver com a cultura, com a educação das pessoas. Tenho sempre dito que temos de falar a verdade, para que as pessoas acreditem em nós. O meu pai era um homem simples. Se há algum legado que me deixou foi o de ser um homem que conseguiu transmitir aos filhos uma noção do que é estar bem com a vida e com Deus. Ele dizia-nos, muitas vezes: “A educação vem do berço.” Eu sou daquelas pessoas que acreditam que a verdadeira alma portuguesa reside na província – não quero atacar ninguém das cidades, eu nasci em Lisboa. A minha mãe é da Lousã, o meu pai era de Celorico da Beira. Nos provincianos, homens e mulheres, o aldeão de Trás-os-Montes, os rudes do Alentejo que trabalham de sol a sol, as pessoas das aldeias da minha serra da Lousã, que ainda continuam a pastorear o gado, vê-se muito aquele brilho nos olhos de quem prescinde do materialismo, das questões mundanas para ser arreigadamente português. E quando a gente vê ao sábado e ao domingo uma grande parte das famílias na minha terra juntarem-se em casa dos pais, isso é das melhores coisas que podemos herdar da verdadeira portugalidade. Portugal construiu-se através das suas famílias. Foi a família sempre um padrão fundamental do nosso crescimento.

É membro do conselho geral da Fundação Inatel. Que contributo dá esta instituição ao país?

A Inatel ainda continua a ter uma grande representatividade na sociedade portuguesa com centenas de milhares de associados. Modernizou-se e é uma entidade do nosso tempo. Continua a desempenhar um papel muito relevante na vida do país. Independentemente de pertencer ao conselho geral, também sou associado da Fundação Inatel há muitos anos.

Como é que o líder da UGT goza o direito aos tempos livres?

Estar com a família é um tempo livre. É o meu hobby. É talvez dos momentos mais felizes. Gosto muito de ter gente em casa. Gosto muito de cozinhar um bom cabrito, bacalhau à lagareiro, chanfana ou umas coisas mais caseiras com umas frutas de escabeche – tudo se faz com boa vontade. Sou um bom marido, um bom pai, um bom filho, amigo dos meus amigos. À chegada reparei que cumprimentou os seus colaboradores com afabilidade, tanto na receção como no andar onde se encontra o seu gabinete. É sempre assim?

Um líder que não saiba transmitir uma relação de respeito e amizade pelos outros nunca será um verdadeiro líder. Eu cultivo a amizade, porque facilita muito a gestão de uma grande organização como a UGT. Um líder não se impõe, aceita-se. Sempre preservei esses valores toda a vida. SÍLVIA JÚLIO

